

Emilio Ortiz

# A vida com um cão é mais feliz

Tradução

Rita Custódio e Àlex Tarradellas

 Planeta

À minha mãe, Pilar Pulido Cordero.

Aos que lutam pelos que não têm  
VOZ.



## Índice

Apresentação .....	13
Seres extraordinários .....	15
1. A amizade segundo <i>Tana</i> .....	19
Agressivos, poucos; traidores, nenhum; e amigos, todos .....	21
Troca de interesses. Os princípios de uma grande amizade .....	26
Cada vez mais longe do lobo, cada vez mais perto do homem .....	29
Pouco a pouco .....	31
Os tempos da companhia .....	34
Um simples acompanhante que acabará por ser o melhor amigo .....	39
Mais um membro da família .....	40
Uma questão de tempo .....	44

2. A inteligência canina segundo <i>Sari</i> .....	49
O cérebro do cão, uma realidade científica apaixonante .....	51
A inteligência dos cães na filosofia .....	57
Diferentes tipos de inteligência .....	61
Raças de cães e inteligência funcional .....	77
A inteligência emocional nos cães .....	79
Surpreendente fidelidade canina .....	89
Conclusões sobre a inteligência .....	92
3. Os direitos segundo <i>Hugo</i> .....	99
E porquê eles? .....	101
Direito canino .....	104
A defesa organizada dos direitos dos animais .....	108
Organizações de defesa dos animais em Espanha .....	111
Nem maus-tratos nem abandono; ele nunca o faria .....	113
Centenas de casos, desenlaces lamentáveis .....	116
A convivência em espaços públicos .....	120
4. As manias segundo <i>Chocolate</i> .....	125
As deles .....	127
As nossas .....	138
As de ambos .....	146
5. O treino segundo <i>Sandy</i> .....	151
Aspectos básicos do treino canino .....	153
Conviver com um cão, um antídoto contra a solidão ..	166
O cão e a criança .....	171

6. A vida e o trabalho segundo <i>Jazz</i> .....	175
Heróis caninos .....	176
Cães de assistência .....	177
Cães de alerta médico .....	183
Cães para catástrofes e segurança .....	192
7. Epílogo	
A vida com um cão é mais feliz .....	201



## Apresentação

Chamo-me Emilio Ortiz e sou escritor. Nasci em Baracaldo em 1974. De 1993 a 2016 trabalhei para a Organización Nacional de Ciegos de España (ONCE) como vendedor dos seus jogos da sorte. Sou licenciado em História e sempre gostei de escrever, porém, o pudor e a vergonha não me deixavam fazê-lo. Dois prémios literários de contos incentivaram-me a publicar o meu primeiro romance em 2016 baseado na vida do *Cross*, um cão-guia.

Conhecer o *Spock*, que é como se chama o meu, mudou a minha vida para sempre. Graças à sua ternura, à sua marotice, à sua generosidade, ao seu grande sentido de humor, ao carinho que é capaz de dar e à sua entrega, consegui publicar *Através dos meus pequenos olhos* e dedicar-me desde então àquilo de que mais gosto: escrever.

O plano profissional não foi a única coisa que o *Spock* mudou em mim. Antes eu respeitava os animais, mas não eram a minha predilecção. Eram-me, de certa forma, indiferentes. Mas desde que entrou na minha vida – ou eu na dele – colaboro com diferentes



associações, luto contra o abandono, os maus-tratos contra os animais, contra o seu consumo e exploração e, claro, sou contra as touradas e condeno qualquer evento erroneamente chamado festejo ou espectáculo no qual se utilizem animais. Por tudo isto, cheguei a receber mensagens anónimas nas quais me diziam que a utilização de um cão-guia é uma exploração excessiva do animal porque vai contra o seu desenvolvimento natural. Se assumirmos isto como verdadeiro, podemos incluir também todos – mesmo todos – os cães domésticos. Não é «natural» ter um fechado entre quatro paredes, atá-lo com uma trela, não o deixar comer o que quer – seja lixo ou veneno.

Como digo, o *Spock* mudou a minha vida.

## Seres extraordinários

Sim, esse animal que neste momento talvez esteja deitado no chão perto de si é, sem dúvida, um ser extraordinário. Um *husky* siberiano, um *golden retriever*, um pastor-belga, um são-bernardo, um caniche, um labrador, um braco de Weimar ou um rafeiro; não interessa, todos os cães estão envolvidos por um halo de misteriosa candura.

Enquanto lê estas linhas é possível que o observe ofegante. Interrompa um momento a leitura e analise esse olhar – ou relembre-o, caso não o tenha à sua frente. De certeza que é incapaz de descrever apenas com uma palavra o que significa essa forma de olhar do seu amigo peludo. Mas não é só isso. Provavelmente, nem com mil palavras seria capaz de descrevê-lo; nem com um livro inteiro, nem sequer com uma enciclopédia dedicada especificamente ao olhar dos cães.

O facto de não conseguir explicar as emoções que os seus olhos lhe despertam quando o fitam não significa que não seja capaz de fazê-lo, apenas que é um sentimento inexplicável. Se disser que quando olha para si vislumbra ternura, inteligência,

devoção, admiração ou amor, não está assim tão enganado, mas, por mais palavras que acrescente, ficará sempre, sempre, aquém, pois isso ultrapassa o racional, e quem lho diz é alguém que não consegue ver o olhar do seu cão, mas que o sente nas profundezas do seu ser.

Às vezes julgará que o seu cão lhe quer contar coisas e que não pode fazê-lo dado que não utilizam a mesma linguagem. Isso é, em grande parte, verdade. Repare, sem ir mais longe, no momento em que ele precisa de água e o leitor não se dá conta disso. Choramanga, mexe-se de um lado para o outro e fica desesperado até lhe transmitir o que quer dizer, e de seguida abana a cauda alegremente enquanto lhe enche o recipiente de água limpa. Porém, só se sente falta desta ausência de uma linguagem intrinsecamente comum quando as necessidades que se solicitam são materiais. Porque nem o leitor nem ele precisam de pertencer à mesma espécie animal, ter a mesma morfologia ou uma linguagem única para expressarem os vossos sentimentos mútuos.

Como dizia no início desta introdução, o cão é um ser extraordinário. Já o era nas suas origens quando, há mais de cem mil anos, os seus antecessores quase não se relacionavam com os nossos. Sem dúvida alguma, o homem contribuiu e muito para a evolução cognitiva e até sentimental do cão, mas temos de ter consciência de que o contrário também aconteceu.

É provável que o primeiro olhar trocado entre aquele homem primitivo e o canídeo selvagem estivesse cheio de desconfiança mútua, mas quase de certeza que, em instantes, ambos tiveram consciência do futuro que as duas espécies tinham pela frente.

Se o seu cão está por perto, acaricie-o e olhe-o fixamente nos olhos, sinta como fluem, no tacto dos seus dedos, as dezenas de

milhares de anos em que as nossas espécies têm estado irmanadas, com maior ou menor êxito, e sinta como o Universo inteiro se encerra no seu olhar. Ele sentirá exactamente o mesmo.



## A amizade segundo *Tana*

O melhor amigo do homem. Vocês, os humanos, dizem isso e ficam muito contentes. Por acaso sabem mesmo o que significa isso da amizade? Amigos, amiguinhos e amigalhaços, essas são as vossas distinções.

Nós, os peludos, vivemos em matilha – matilha espontânea e conjuntural nos tempos que correm. Se estamos num parque ou no campo e conhecemos um ou vários dos nossos semelhantes, a única coisa que fazemos é comprovar que este ou estes não são violentos; mais nada. E, caso sejam boa gente – desculpem, bons caninos –, ficamos logo amigos, sem perguntas, julgamentos nem desconfianças. A correr, a brincar, a cheirarmo-nos e, se for necessário, sujarmo-nos uns aos outros.

E vocês, o que fazem? Não, este não, que não está vestido como eu gosto; a outra também não que parece uma convencida; aquele menos que é de outra raça, outra cultura ou fala outra língua, e, em suma, se não nos entendemos, nem sequer me interessa. Fico em casa refastelado no sofá.

Quantos amigos a sério, a sério, têm? Um ou dois? Às vezes, nem sequer isso. Quando falam de nós utilizam o termo «amigos»,

assim, sem mais nem menos, sem pedir a nossa opinião, como se nada fosse. Não conheço ninguém que diga que o seu cão é um amigalhaço ou um amiguinho... por alguma coisa será.

Sou a *Tana*, uma fêmea *boxer* de 2 anos, e tenho muitos amigos, mais do que amigas. Não me dou mal com quase nenhuma cadela, mas não julguem que todas me aceitam bem. Não sei o que pensam... é que, além do mais, fui operada e não estou muito virada para isso do sexo, e muito menos em grupo. Mas, bem, até no mundo canino existe de tudo um pouco.

As minhas amizades costumam durar entre cinco segundos – o suficiente para nos cheirarmos um pouco; por vezes nem sequer temos tempo de chegar ao traseiro – e meses, ou anos ou a vida toda. Este tipo de amizades – na verdade, todas as amizades – e a sua duração nunca dependem de mim. Infelizmente, dependem do meu dono e do que lhes apetecer fazer. Em suma: a amizade entre cão e humano consiste em que nós lhes devemos lealdade, obediência e submissão, e em troca, pelo contrário, os nossos donos fazem o que lhes apetecer. Claro, o melhor amigo do homem, estamos lixados, assim fazem o que querem.

Sim, tudo bem, eu reconheço, o Julio adora-me. É sempre ai, minha menina feia; ai, que focinho tão bonito; ai, minha princesa linda – em que ficamos, feia ou linda? Decide-te, meu querido.

Ele deve ter cerca de 25 anos de humano, vivemos sozinhos num pequeno apartamento de uma cidade muito barulhenta que cheira a fumo de carro e pouco mais. Sem contar com os fins-de-semana em que me leva ao campo para correr – depois de entrar no maldito carro onde tenho de ir atada e onde vomito sempre –, no resto dos dias leva-me à rua de manhã para eu fazer as minhas necessidades num pedacinho ridículo de terra que

há ao pé de casa. Depois, quando regressa à noite, faço chichi de novo e o que surgir...

Mas antes de descer dou as boas-vindas ao meu dono com pompa e circunstância. Vou ter com ele e recebo-o com imensa alegria. Trago-lhe um brinquedo, uma almofada, um chinelo, o comando da televisão ou a revista que já babei de alto a baixo. E às vezes ele nem sequer é capaz de me sorrir.

Antes de jantar – ele, claro; eu faço uma refeição por dia, de manhã, e ponto final – gosta de ver televisão durante um bocadinho, e de tomar uma cerveja e comer um pacote de batatas fritas. Eu costumo estar deitada ao seu lado no sofá enquanto ele está sentado. Vou encostando o focinho pouco a pouco ao pacote – «Não, não menina feia, isto não, que não é bom para ti.» Que curioso, como se para ele isso fosse um prato de inofensivas e nutritivas acelgas... Contudo, tenho de reconhecer que umas vezes me dá alguma, e outras roubo-lhas quando fica meio adormecido ou se levanta para ir buscar outra cerveja. Uma coisa é ser a melhor amiga do homem e outra é ser idiota.

### **Agressivos, poucos; traidores, nenhum; e amigos, todos**

É provável que *Tana* tenha razão quanto à questão das relações amigáveis entre humanos e entre cães e humanos. Achamo-nos tão perfeitos ou tão susceptíveis de chegarmos a sê-lo que vivemos a amizade como se fosse uma aprendizagem. Em poucas palavras: pretendemos aprender a arte das relações sociais à margem da família de modo planeado. Os grupos de amigos



seriam a nossa «matilha espontânea e conjuntural», tal como diria *Tana*.

Ninguém da nossa espécie pode ser um amigo incondicional totalmente dedicado a outro ser humano. Qual é o problema? É que somos seres racionais. Nesta questão nem sequer podemos atribuir a culpa ao sistema social, político ou económico.

No Império Romano, na Grécia Antiga, no nazismo, no fascismo, no capitalismo... e em todos os possíveis «ismos» houve traições históricas entre amigos pertencentes à espécie humana, tendo muitas delas acabado de forma trágica – morte por envenenamento, estrangulamento, etc. A cobiça, a inveja, o ciúme, o ódio ou o afã de poder costumam estar por detrás destas traições, as quais não têm motivos para terminar sempre com a pior das consequências: a morte.

Em todos os âmbitos sociais encontramos amigos que se traem entre si – já agora, nem sempre o sujeito traído se apercebe disso. Seria necessário procurar muito, e provavelmente nunca o encontraríamos, até acharmos um caso em que um cão traísse um humano ou outro cão.

Claro que não. Já sei que existem inúmeras agressões entre cães e algumas de cães a humanos, mas uma coisa é uma agressão e outra muito diferente é uma traição. Ser agressivo não é o mesmo do que ser perverso e retorcido. Nós não somos nem uma coisa nem outra; infelizmente, o reino animal concede esta qualidade exclusivamente a vocês, as pessoas.